

Discursos,

Práticas, Ideias e Subjetividades

na Educação

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima
(Organizadores)

3



Atena
Editora

Ano 2021

Discursos, Práticas, Ideias e Subjetividades na Educação

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima
(Organizadores)

3



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Discursos, práticas, ideias e subjetividades na educação 3

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D611 Discursos, práticas, ideias e subjetividades na educação 3 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Reinaldo Feio Lima. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-025-1

DOI 10.22533/at.ed.251212904

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lima, Reinaldo Feio (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Inicialmente localizamos o leitor quanto ao contexto de organização desta obra; pois, nesse momento, (sobre)vivemos em um contexto pandêmico no qual os desafios enfrentados perpassam as “(...) relações entre a preservação da vida e as necessidades sociais tão preciosas a nós humanos, seres gregários que somos, bem como as dificuldade relativas ao trabalho, à economia e à sustentabilidade das instituições.” (GATTI, 2020, p. 30¹).

Neste contexto, é com entusiasmo de dias melhores que apresentamos o livro: **“Discursos, Práticas, Ideias e Subjetividades na Educação”** cujas temáticas focam a problematização da educação em relação as práticas, discursos, subjetividades e ideias, voltadas a formação de professores, gestão educacional, contexto pandêmico, inclusão, gênero e diversidade, ensino de Ciências e Matemática, práticas interdisciplinares, profissionalização e trabalho docente, Educação à Distância, entre outros.

Uma obra estruturada a muitas mãos e que tem por objetivo socializar as diferentes produções, desde relatos de experiências a textos de pesquisas, vinculados a diferentes instituições nacionais e internacionais, ampliando o olhar acerca das temáticas que evidenciamos anteriormente. O número expressivo de artigos encaminhados para este livro e os resultados aqui apresentados, revelou a relevância da temática e dos estudos e pesquisas que vêm sendo realizados por diferentes pesquisadores, bem como reafirma o entendimento da imprescindível necessidade de Discursos, Práticas, Ideias e Subjetividades na Educação.

Dessa forma, esperamos que esta obra seja a mola propulsora para futuras reflexões e inspirações para docentes em formação e/ou exercício da docência. Que ao ler os textos que apresentamos nesse volume inspiremos investigações e práticas exitosas, permitindo um ressignificar dos processos de formação, ensino e de aprendizagem. Os artigos que compõe este livro – cada um sob olhares, discursos, práticas, ideias e impressões de seus autores – buscam galgar por questões que inquietam o cotidiano social da educação, principalmente, contribuir com as discussões que promovam a qualificação do ensino no Brasil, reafirmando a necessidade de olhares mais apurado para subjetividade que compõem as diferentes práticas e discursos educacionais.

Nesse sentido, portanto, desejamos a todos uma ótima e profícua leitura.

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Reinaldo Feio Lima

¹ GATTI, A. B. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**. vol.34 no.100 São Paulo Sept./Dec. 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE: AS IMBRICAÇÕES ENTRE A CONSTITUIÇÃO DOS INSTITUTOS FEDERAIS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO TECNOLÓGICO

Rosangela Santos da Silva

Ana Cláudia Ribeiro de Souza

DOI 10.22533/at.ed.2512129041

CAPÍTULO 2..... 12

IMPACTO DOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVA) NO ENSINO MÉDIO E NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Mónica Rocío Barón Montaña

Ruth Johanna Núñez Uribe

Jenny Patricia Ortiz Quevedo

Diana Milena Parra Montaña

DOI 10.22533/at.ed.2512129042

CAPÍTULO 3..... 23

FECHAMENTO DE ESCOLAS NO CAMPO – UMA CRUEL REALIDADE

Elias Canuto Brandão

DOI 10.22533/at.ed.2512129043

CAPÍTULO 4..... 37

A ESCOLARIZAÇÃO E A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DE SOCIOEDUCANDOS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE SEMILIBERDADE: DADOS DE REALIDADE E POSSIBILIDADES

Alexandra de Campos Bittencourt

Daniela Andrade da Anunciação

DOI 10.22533/at.ed.2512129044

CAPÍTULO 5..... 52

PANORAMA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO BRASIL

Claudia Rogéria Fernandes

Fabiane Ferraz Silva Fogaça

DOI 10.22533/at.ed.2512129045

CAPÍTULO 6..... 62

EXU NAS ESCOLAS E A DESCOLONIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL: COTIDIANO E CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Affonso Celso de Miranda Neto

DOI 10.22533/at.ed.2512129046

CAPÍTULO 7..... 76

MODELO DE EDUCACIÓN DIALÓGICA EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DE LA MATEMÁTICA

Ana María Villón Tomalá

Boris Daniel Farez Paguay
Kleber Andrés Valverde Muñoz
DOI 10.22533/at.ed.2512129047

CAPÍTULO 8..... 88

PEDAGOGIA SISTÊMICA: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A EDUCAÇÃO

Elisiane do Carmo Neneve

DOI 10.22533/at.ed.2512129048

CAPÍTULO 9..... 101

ANÁLISE SOBRE OS ENTRAVES DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA OS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Cristiane Carminati Maricato

DOI 10.22533/at.ed.2512129049

CAPÍTULO 10..... 113

A DIDÁTICA E O ENSINO DA MÚSICA - POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiburger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

DOI 10.22533/at.ed.25121290410

CAPÍTULO 11..... 121

A POESIA DE PEDRO MUNHOZ EM UM DIÁLOGO COM O CONCEITO DE SOLO: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Richard Lima Rezende

Heitor Vieira Passos

Antonio Fernandes Nascimento Junior

DOI 10.22533/at.ed.25121290411

CAPÍTULO 12..... 134

USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA DISCIPLINA DE SEMINÁRIO INTEGRADOR DO CURSO DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR (IES): RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila Cescatto Gonçalves

Cainã Matucheski

Carolina Reinert

Eduardo Schneider

Fabrcio Mulinari de Lacerda Pessoa

João Luiz Baú Carneiro

Rogério Saad Vaz

Francelise Bridi Cavassin

DOI 10.22533/at.ed.25121290412

CAPÍTULO 13..... 141

AS ATIVIDADES LÚDICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA APRENDIZAGEM DAS

CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juarez Oliveira Ferreira
Mariluz Sartori Deorce

DOI 10.22533/at.ed.25121290413

CAPÍTULO 14..... 157

O PROFESSOR DE INGLÊS QUE ATUA NA ESCOLA PÚBLICA: NA TENSÃO ENTRE OS DISCURSOS DE VALORIZAÇÃO E DESVALORIZAÇÃO QUE PERPASSAM A DOCÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA

Renata Helena Pin Pucci

DOI 10.22533/at.ed.25121290414

CAPÍTULO 15..... 172

A PRODUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE A DOENÇA NO RIO GRANDE DO SUL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Gustavo Bocon Lopes
Márcia Maria de Medeiros
Luiz Alberto Ruiz da Silva

DOI 10.22533/at.ed.25121290415

CAPÍTULO 16..... 183

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO E A RELEVÂNCIA DA TEMÁTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Any Carolina Ribeiro Silva
Thiago Simão Gomes
Marisa Catta-Preta

DOI 10.22533/at.ed.25121290416

CAPÍTULO 17..... 187

EDUCAÇÃO INFANTIL E O RESSIGNIFICAR DA PRÁXIS DOCENTE POR MEIO DA METODOLOGIA INDICADORES DE RISCO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL - IRDI

Rômulo Fabiano Silva Vargas
Loiva Lucia Herbert

DOI 10.22533/at.ed.25121290417

CAPÍTULO 18..... 211

A BATALHA IMUNOLÓGICA DAS CÉLULAS CONTRA OS PATÓGENOS: A PROPOSTA DE UM MODELO DIDÁTICO TRIDIMENSIONAL DE BAIXO CUSTO PARA O ENSINO DE IMUNOLOGIA

Tiago Maretti Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.25121290418

CAPÍTULO 19..... 221

ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SOBRE O CONCEITO DE DECOMPOSIÇÃO DA MATÉRIA A PARTIR DO POEMA “LATAS” DE MANOEL DE BARROS

Luciana Marques Farias
Richard Lima Rezende
Débora Rezende Ferreira

Antonio Fernandes Nascimento Junior

DOI 10.22533/at.ed.25121290419

CAPÍTULO 20..... 235

APRENDIENDO NUTRICIÓN CON LOS NIÑOS

María Eugenia Vera Herrera

DOI 10.22533/at.ed.25121290420

CAPÍTULO 21..... 241

O CAMINHO VIRTUOSO DAS ESCOLAS PAROQUIAIS NAS FRENTES AGRÍCOLAS NO SUL DO BRASIL: IMPACTOS DA LEI DA NACIONALIZAÇÃO DE 1938

Paulino Eidt

DOI 10.22533/at.ed.25121290421

SOBRE OS ORGANIZADORES 254

ÍNDICE REMISSIVO..... 256

EXU NAS ESCOLAS E A DESCOLONIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL: COTIDIANO E CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Data de aceite: 28/04/2021

Affonso Celso de Miranda Neto

Colégio Pedro II, Campus Humaitá II
Professor de Educação Básica e Tecnológica,
Departamento de Educação Musical
Rio de Janeiro – Brasil

RESUMO: O tom imperativo do refrão “Exu nas escolas”, cantado por Elza Soares é emblemático para a educação brasileira. O caráter desordeiro de Exu torna-se necessário quando as práticas de ensino-aprendizagem estão desconectadas com a diversidade cultural existente no país. A descolonização dos saberes é uma mudança estrutural no paradigma educacional vigente. Os currículos da escola básica privilegiam os cânones musicais europeus e as manifestações de matriz africana são relegadas ao esvaziamento simbólico ou à superficialidade. A educação musical pode se reinventar a luz da filosofia africana e restituir o princípio transformador de Exu como fio condutor de novas propostas de currículo. No sentido de promover uma reeducação voltada para a prática interacional e para “vivência do pensar” sentidas no saber-fazer africano, a finalidade deste artigo é apontar caminhos para “estética da ginga” no cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Exu. Descolonização. Cotidiano. Educação musical. Estética da ginga.

ABSTRACT: The imperative tone of the chorus “Exu in Schools”, sung by Elza Soares is

emblematic for Brazilian education. The disorderly character of Exu becomes necessary when teaching-learning practices are disconnected from the country’s cultural diversity. The decolonization of knowledge is a structural change in the current educational paradigm. Basic school curricula focus on European musical canons and the manifestations of the African matrix are relegated to symbolic emptying or superficiality. Music education can reinvent itself in the light of African, indigenous and Afro-Brazilian philosophies by restoring the transforming principle of Exu as the guiding thread for new curriculum proposals. In order to promote a reeducation focused on an interactional practice and “experience of thinking” felt in the African saber-doing, one of this article is to point out ways for “ginga aesthetics” in the school routine.

KEYWORDS: Exu. Decolonization. Everyday life. Musical education. *Ginga* aesthetics.

1 | INTRODUÇÃO

Como um arauto de novos tempos, o refrão “Exu nas escolas”, cantado por Elza Soares em seu último trabalho *Deus é mulher* (2018), é emblemático para o panorama atual da educação brasileira. O caráter desordeiro de Exu torna-se necessário nesses tempos obscuros quando as práticas de ensino-aprendizagem estão desconectadas com os desafios presentes na realidade social brasileira. A comunidade escolar precisa dessa potência instaladora do caos e da ordem, como um agente provocador para a transformação

do modelo eurocêntrico dominante. Os educadores podem se inspirar nas oferendas das encruzilhadas onde os caminhos são múltiplos, para através das incertezas, desbravar novas formas de conhecimento retiradas tanto do saber popular e iletrado, bem como das culturas indígena e africana.

Essa descolonização dos saberes é a tese defendida por Sodré em *Reinventando a educação* (2012), no intuito de reescrever uma mudança estrutural no paradigma educacional vigente do hemisfério sul. No sentido de garantir o direito a uma formação integral e humanizada, o acesso a conteúdos diversos e plurais é o movimento primordial para reverter o pensamento de pretensões universalistas. A questão se torna mais crítica dentro de um contexto em que as visões de mundo dos sujeitos são impactadas incessantemente pelas tecnologias da comunicação, e como esse novo espaço é regulado pelos conglomerados transnacionais, a função histórica da escola em socializar o indivíduo para a formação ética e política, deve agora se ocupar na crítica à lógica consumista vigente que transforma seres humanos em reprodutores de conteúdo.

Essa homogeneização de métodos e conteúdos na organização curricular já vem sendo debatida nos círculos acadêmicos por diversos especialistas (Sussekind, 2014; Macedo 2014). A hegemonia da visão racionalista e tecnicista nas instâncias de poder é um entrave para uma pedagogia que se pauta pela inclusão da diferença. E o campo da educação musical não está imune a essa tendência uniformizante. Enquanto o currículo privilegia os cânones musicais europeus, as manifestações de matriz africana e indígena são relegadas ao esvaziamento simbólico ou a superficialidade (Lucas et al 2017). E se o diálogo não é visto na composição do conteúdo, ele também vive ausente na prática pedagógica ao ignorar a vivência e os repertórios dos alunos em sala de aula.

O primeiro objetivo desse artigo é propor uma reflexão de como a educação musical pode se reinventar a luz da filosofia africana e das culturas diaspóricas de *Arkhé*¹. O foco inicial será apresentar a figura de Exu através de um diálogo interdisciplinar entre a canção de Elza Soares e diversos autores (Ribas, 1997; Prandi, 2001; Areda, 2008) para levantar caminhos que o entendimento de sua natureza complexa pode fornecer para a prática pedagógica. A essa discussão será acrescentada a defesa de Muniz Sodré (2002) da lógica do espaço e dos saberes do sul e do corpo, conectados à discussão sobre a natureza dinâmica do currículo, entre estratégias e táticas dos diversos atores no cotidiano do *espaçotempo* escolar (Certeau, 1994).

No sentido de promover uma (re) educação voltada para a prática interacional e para “vivência do pensar” sentida no saber-fazer africano, a finalidade deste artigo é apontar caminhos que valorizem o reconhecimento da educação musical enquanto uma intervenção interdisciplinar. Nela, se conjugam diversos signos compartilhados socialmente através da prática musical efetiva. De fato, a manipulação do som é o momento mais significativo para os todos os envolvidos, porque coloca essa diversidade de corpos pensantes em jogo.

1 Palavra que designa origem e destino na cosmogonia Nagô-Yorubá.

Essa forma de atuar no cotidiano escolar está fundada sobre um percurso conceitual emprestado da “Estética da ginga” (Jacques, 2003). Analogamente ao livro que propõe uma conversa interdisciplinar entre a arquitetura das favelas e a obra do artista plástico Hélio Oiticica, nossa atuação no cotidiano escolar pode ser traduzida através de três figuras conceituais em movimento - fragmento, labirinto e rizoma (Deleuze, 1995) - utilizados para romper com a lógica hegemônica da pedagogia “produto” onde resultados padronizados e previsíveis são predominantes.

2 | EXU PEDAGÓGICO: “É TOMAR DE VOLTA A ALCUNHA ROUBADA DE UM DEUS IORUBANO”

A recuperação simbólica da imagem de Exu vem ganhando destaque na esfera acadêmica nos últimos vinte anos, sendo um dos marcos a perspectiva na obra de Santos (2012, p. 141), em que a divindade é definida como um “princípio dinâmico e de expansão de tudo que existe”. Diversos autores como Ribas (1997) e Prandi (2001) nos informam sobre a demonização e degradação de Exu dentro do contexto histórico da diáspora africana. Sua representação foi degradada tanto no século XIX, na interpretação reducionista de missionários cristãos viajando pela África quanto pela reapropriação maniqueísta dentro do sincretismo religioso do candomblé e da umbanda em terras brasileiras.

A aplicação pedagógica da imagem de Exu simbolizada na letra da canção “Exu nas escolas” de Elza Soares fornece ideias essenciais para uma mudança de paradigma na educação brasileira. Como princípio dinâmico da existência, esse orixá tem o poder de modificar a estrutura das relações sociais dentro da escola no sentido de instaurar uma potência comunicativa verdadeiramente comprometida com a prática democrática e a alteridade. É urgente repensar a forma como entendemos a produção de conhecimento na relação docente-discente, bem como rever todos os fundamentos políticos que regem os currículos de instituições educativas.

Para entender o caráter complexo de Exu, bem como sua eficácia para a pedagogia, devemos observar diversas facetas inter-relacionadas de sua representação na mitologia Nagô-Iorubá. Em uma dessas facetas - *Oba Orita Metá or Igba Ketá* - Exu é o senhor dos caminhos e das encruzilhadas, orixá mensageiro dos dois planos de existência que integram o mundo físico, o Orun (espiritual) e o Ayé (material). Como princípio mobilizador do sistema no plano da comunicação², Exú é responsável pela fiscalização e funcionamento das trocas (oferendas ou ebós) entre os humanos e os demais orixás, sendo sua missão nessa faceta, trabalhar e servir aos orixás Orunmilá e Oxalá nas tarefas de mediação simbólica e material com os homens.

Essa ontologia relacional (Nascimento, 2016, p. 30), fundada pelo sistema cultural e religioso nagô-iorubá, deve ser a mola propulsora do diálogo aberto entre professores e

² Segundo Rufino (2016, p. 3), “Segundo as narrativas de alguns praticantes do candomblé, Exu compreende-se como o linguista e tradutor do sistema mundo. É concedido a ele a proeminência de toda forma de enunciação e diálogo.”

estudantes. Todo e qualquer conteúdo de ensino só pode ser verdadeiramente significativo se nascer de uma escuta atenta aos interesses dos principais atores do processo de ensino-aprendizagem: os estudantes. Nesse novo contexto, o ponto de partida de qualquer projeto pedagógico é o aluno e o currículo nunca pode ser pensado *a priori* das experiências compartilhadas no espaço-tempo de sala de aula. Ao pensarmos a educação como um rito de encantamento onde uma espécie de processo iniciático é ativado (Sodré, 2012, p. 166), ela deve envolver um “espaço de acolhimento para a realização de desejos, de trabalhos, de feitiços.” (Areda, 2008, p. 9). Por conseguinte, no nível macropolítico da escola, nenhuma decisão pedagógica pode ser pensada e aplicada sem a participação efetiva dos alunos na sua elaboração, execução e avaliação.

Como Exu *Enugbarijó*, ele é o portador da força mágico-sagrada denominada e, simultaneamente, um ente da multiplicidade e da singularidade, por que participa da criação de tudo que existe no mundo. Diz-se que todo processo de individualização só pode ser realizado através de seu Exu particular. De forma análoga, o docente deve exercer a função de mediador (Latour, 2012) ao trabalhar para o desenvolvimento e a expansão de cada aluno na sua especificidade, sem atropelar sua forma de olhar e interagir com a realidade. O docente sempre deve estar em relação dinâmica com a alteridade discente para perceber a potencialidade de cada aluno e estar sempre aberto para agregar os acidentes do caminho, porque sua natureza deve ser a mesma de Exu, uma subjetividade em movimento.

As inversões da ordem, instaladoras do caos que Exu *Yangi* costuma a empregar no seu percorrer dinâmico, e que podemos vivenciar no cotidiano escolar, formam a terceira dimensão de sua simbologia como elemento transgressor e desordeiro. Esse duplo movimento de caos/ordem é constituinte de sua faceta *bará* ou *trickster*, onde se destaca a figura de Exu *Elegbara*, “aquele que tudo come, e tudo pode devolver”. Se, por um lado, esse aspecto subversivo serviu de bode expiatório para a degradação de sua imagem no sincretismo religioso ocorrido na diáspora africana, sua eficácia reparadora é uma paródia criativa nas estruturas estáticas e hegemônicas que governam o mundo:

“Não é por nada que Exu é muitas vezes associado a brincadeiras de mau gosto, a confusões, a trapaças e a inversões da ordem. E mesmo quando é concebido como uma encarnação do mal ou como o diabo (associação causada pelo sincretismo com formas religiosas cristãs), seu lugar é central na concepção que se tem do mundo – sem ele não haveria movimento – e na construção dos atos/rituais, já que antes de qualquer ritual deve se fazer oferendas a Exu – sem ele não há inícios.” (Areda, 2008, p.6)

Como bem argumenta Paulo Freire em “pedagogia da autonomia”, a condição de professor é indissociável da prática constante de pesquisa (1999, p. 32) que emprega dinâmica a relação dialógica fundada no diálogo. Os saberes necessários para uma prática educativa democrática passam pela formação holística e sempre atualizada do docente. Este deve estar preparado para contribuir e aprender com os alunos em um processo de

renovação contínua do conhecimento. Essa retribuição só poderá ser eficaz se o sujeito do processo de ensino for o aluno que sentirá estimulado com questionamentos e provocações surgidos nos debates de sala de aula. E não cabe ao professor dar respostas prontas, e sim gerar dúvidas e incertezas a fim de provocar a reflexão crítica.

Sua representação fálica ligada ao aspecto profano do corpo e da sexualidade se tornou o argumento principal para a moral judaico-cristã enquadrá-lo na figura do demônio. Ao se deparar com as estátuas de Exú nas portas das cidades que o cultuavam na África do Século XIX, missionários pensaram estar diante do deus grego da fertilidade Priapo, e desde então, Exu tem sua imagem estereotipada como devasso. Como a lógica maniqueísta do catolicismo acabou por se impregnar nas culturas surgidas na diáspora – alguns terreiros de Candomblé e integralmente na Umbanda - desafiar essa subjetividade perpassa pelos saberes do corpo com suas táticas de desvios e gingas (Rufino, 2016).

Na cosmovisão Nagô-lorubá, Exu, na faceta *Eleguá*, é o guardião e protetor de todos os espaços (casas, ruas, praças, etc), isto é, aquele que representa a exterioridade. O professor não pode se apegar a dogmas ou pensamentos totalizantes e deve permanecer aberto para as diferentes visões de mundo. Assim, o cotidiano escolar se torna um lugar de integração da diversidade, marcado pela prática da inclusão social efetiva.

Refletirmos sobre a escola enquanto lugar de respeito à pluralidade de ideias e concepções pedagógicas também nos remete a dimensão de Exu *Olojá*. Essa faceta de Exu, como senhor do mercado *Ojá* denota que a função da escola “não é o enriquecimento produzido pela acumulação de capital” ou de conteúdo, como de praxe nos currículos, e sim um espaço acolhedor e “um local onde a circulação pode tomar ares de generosidade, solidariedade, partilha, na expectativa que a comunidade que se forma em torno de tais relações de troca se fortaleça” (Nascimento, 2016, p. 32)

31 O COTIDIANO ESCOLAR E O CURRÍCULO NA PRÁTICA DOCENTE: “TENDO QUE QUEBRAR O TABU E OS COSTUMES FRÁGEIS DAS CRENÇAS LIMITANTES”

A escola é um espaço comunitário e plural no qual seu significado só pode ser entendido através das diversas interações diárias realizadas pelos responsáveis pelo seu funcionamento. Nesse fluxo diário de acontecimentos, professores, alunos, pais e funcionários transitam, dialogam e vivenciam diversas situações imprevistas que não podem ser enquadradas em um currículo previamente estabelecido por “especialistas” sem a experiência do “chão da escola”. Nesse sentido, refletir sobre o cotidiano de qualquer instituição pública de educação é tarefa fundamental para compreender os desafios cotidianos da prática docente.

Segundo Certeau (1998), o cotidiano é um “lugar praticado” onde diversas invenções anônimas são realizadas em uma dinâmica própria. Segundo Luce, a primeira inversão de perspectiva dos estudos sobre o cotidiano foi deslocar “a atenção do consumo

supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida na prática do desvio no uso destes produtos” (Giard, L., In: Certeau, M., 1998, p.17). Essa lógica de subversão criativa vista no consumo de produtos culturais é marcada por práticas da diferença que se inserem continuamente para driblar as interpretações reducionistas das múltiplas *maneiras de empregar* realizadas pelos homens ordinários.

As táticas de resistência dos mais fracos é a segunda determinação relevante da reinvenção do cotidiano. Certeau dedica sua obra as “*caças não autorizadas*” e a outras “*artes de fazer*” ordinárias em seus modos de comportamentos não conformistas ao intervir na realidade. Nas práticas comuns, os destituídos de poder fabricam diariamente processos de resignificação que instauram uma nova poética na qual a relação estética se une a pressupostos políticos no sentido de apontar meios alternativos de vida pautados na criatividade humana. Ver na improvisação uma potência é um compromisso ético assumido pelo pesquisador ao enfatizar as bricolagens múltiplas e dissimuladas dentro da visão de mundo hegemônica.

O terceiro ponto determinante da análise do cotidiano é referente ao rigor acadêmico visto na reflexão crítica de sua teoria. Seu discurso instala uma polifonia com interlocutores como Bourdier, Foucault e Wittengstein. Sua metodologia de análise recorre a campos do saber como sociologia, antropologia e história no intuito de fundamentar sua postura de defesa epistemológica dos heróis marginalizados do cotidiano, a saber, professores e alunos.

Para entender o movimento tático da “maioria silenciosa” no tabuleiro do jogo de tensões do cotidiano, é necessário compreender sua relação com o conceito de estratégia que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como próprio, portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações como uma exterioridade distinta” (Certeau, 1998, p. 46). Em contrapartida, o movimento tático deve ser entendido como uma ação de resistência às estratégias de dominação vivenciada na alteridade:

“a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.” (Certeau, 1998, p. 46)

O estudo do cotidiano, portanto, deve ser concebido dentro de uma relação dinâmica de forças existentes entre as instâncias de exercício do poder que empregam *estratégias* para mantê-lo e ampliá-lo, e as instâncias invisíveis dentro do mesmo sistema dominante que empregam *táticas* para operar reapropriações do material físico e simbólico disponível. A relação docente-discente se vê assim tanto compelida por estratégias da gestão política e institucional com a finalidade de pré-determinar o conteúdo das ações pedagógicas “de cima para baixo”, quanto impelida por táticas de resistência, marcadas pela intervenção criativa e silenciosa dos vários atores presentes na vida escolar.

As atribuições de um profissional da educação no cotidiano de uma instituição pública são inúmeras, a tal ponto em que viver a realidade de uma escola básica é adentrar um universo de possibilidades que surgem nos diálogos intermináveis nos corredores e salas. Nessa dinâmica particular, os momentos de planejamento, ensino, aprendizagem, avaliação acontecem simultaneamente dentro prática docente. A própria estrutura dos espaços escolares é organizada em diversos setores distintos que condicionam a circulação dos diferentes atores envolvidos na sua significação: alunos, funcionários e professores. A resolução de um problema pedagógico exige a movimentação por vários espaços, em que os diálogos e as interações são constantes e imprevisíveis. Esses encontros imprimem as marcas que se constituem na identidade do grupo e da instituição.

Segundo Sodré (2012), a reinvenção da educação deve iniciar no nível da disposição física dos espaços-tempo de ensino-aprendizagem, já que maioria das escolas hoje no Brasil mantém o modelo carcerário-religioso do século XVIII, a saber: estudantes confinados dentro de uma sala em cadeiras enfileiradas e vigiados por um inspetor a reproduzir o discurso tal qual proferido pelo professor. A decolonização dos saberes deve, portanto, começar pela reinvenção do espaço escolar no entendimento de sua dimensão sagrada dentro do cosmovisão Nagô- lorubá como um “espaço-tempo fundador (porque veicula uma força irreduzível à identidade histórica dominante), aberto ao jogo de comunicação pluralista, voltada para as relações humanas no presente.” (Sodré, 2002, p.111)

Se o trabalho em sala de aula é proeminente, a temporalidade de cada ambiente dentro de um colégio é complexa. Essa heterogeneidade de *espaçotempos* sincrônicos faz do espaço educacional um lugar de formação docente intensa e contínua. Todos os usos e práticas desenvolvidos na interação dos profissionais e alunos dentro dessa pluralidade de eventos não podem ser contemplados dentro de um roteiro feito *a priori* da experiência concreta. Segundo Ferraço, essa essência fugaz dos acontecimentos não pode ser engessada a partir de categorias de análise pré-concebidas ao considerar que o cotidiano do profissional da educação deve ser pensado “como redes de *fazeressaberes* tecidas pelos sujeitos cotidianos” (Ferraço, 2007, p. 77). Desse modo, a relação distanciada entre sujeito e objeto se desfaz uma vez que os participantes do cotidiano escolar não podem ser separados na análise:

Com isso, assumimos que qualquer tentativa de análise, discussão, pesquisa ou estudo com o cotidiano só se legitima, só se sustenta como possibilidade de algo pertinente, algo que tem sentido para a vida cotidiana se acontecer com as pessoas que praticam esse cotidiano e, sobretudo, a partir de questões e/ou temas que se colocam como pertinentes às redes cotidianas. (Ferraço, 2007, p. 78)

Os currículos interferem decisivamente nesse processo ao permanecerem distanciados das “artes de fazer” de professores e estudantes durante as aulas. Na ocupação dos espaços escolares, novas “maneiras de empregar” os currículos se disseminam

nas brechas da ordem centralizadora do “método escriturístico” que se define por uma estratégia de formalizar a realidade visando uma eficácia social (Certeau, 1999). A noção de currículo como “documento escriturístico” ou como “arma de transformação social” tem por princípio a padronização do conhecimento, e por fim, a demonização dos professores uma vez que “a (im)possibilidade dos professores de darem as mesmas aulas, seguirem manuais ou treinarem seus alunos para darem respostas padronizadas é percebida como in-capacidade ou des-preparo” (Sussekind, p. 1517, 2014).

Pinar considera que os currículos emergem de “conversas complicadas” e são percursos, ações e não um objeto, uma coisa onde se encerra uma verdade. (Sussekind, 2014). Nesse sentido, o currículo se desloca em uma rede de conversas e discursos que transcendem a sala de aula:

Assim para Pinar, currículo é conversa, é autobiográfico, é historicizado e complicado não podendo ser entendido como um documento escriturístico que possa ser *elaborado* e *aplicado* na busca de um entendimento unívoco, ou, homogêneo e verificável mediante avaliações padronizadas. (Sussekind, p. 1520, 2014)

A segunda decolonização é constituir um currículo que não seja baseada no pensamento abissal colonialista. Segundo Santos, a ecologia de saberes “é uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia” (Santos, 2010, p.55). Esta visão pós-abissal tem por fundamento negar qualquer ideia binária do mundo em direção a uma totalidade epistemológica.

Assim, impensado entre a essência dialógica e democrática de sua prática e a natureza homogeneizante dos currículos, o docente desenvolve outras “maneiras de fazer” no cotidiano para evitar uma *educação-produto*, baseada na ilusão de uma relação ensino-aprendizagem com resultados uniformes. Mesmo que a lógica reprodutivista seja predominante na educação brasileira, novas relações pedagógicas acontecem continuamente nas redes de resistência formadas mesmo dentro de instituições “tradicionais” de ensino, como o Colégio Pedro II.

Esse eterno conflito entre conteúdo de ensino e relação pedagógica é uma das razões para a perda de credibilidade do saber escolar. Este atualmente vem sendo substituído por conhecimentos adquiridos em outros lugares e mais rentáveis. Como a relação dos sujeitos com realidade hoje é mediada incessantemente pelas tecnologias da comunicação, e como esse novo espaço é regulado pelos conglomerados transnacionais, a função histórica da escola em socializar o indivíduo para a formação ética e política, deve agora se ocupar na crítica à lógica consumista vigente que transforma seres humanos em reprodutores de conteúdo. No sentido de garantir o direito a uma formação integral e humanizada, o acesso a conteúdos diversos e plurais é o movimento primordial para reverter o pensamento de

pretensões universalistas e colonialistas.

Contudo, a tendência reprodutivista é hegemônica no ensino de música no Brasil. Este campo está estruturalmente submetido ao modelo educacional baseado na música de concerto europeia e seu suporte material: a escrita musical. Embora a legislação brasileira já tenha sancionado há mais de dez anos a obrigatoriedade da inserção da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” de forma transversal nos currículos³, sua abordagem é superficial uma vez que releva “tais saberes a um profundo esvaziamento estético e simbólico” (Lucas et alli, p.10).

Concordamos Lucas (2016) que para promovermos uma transformação estrutural desse paradigma colonialista na educação musical, faz-se necessária uma aproximação com as investigações etnomusicológicas sobre práticas musicais não hegemônicas ligadas às práticas musicais de afrodescendentes e indígenas, mas também acreditamos em sua ampliação às manifestações midiáticas da indústria cultural como *funk*, *hip hop* e *pop*, uma vez que estas culturas são as preferidas dos jovens atualmente. Se de fato a prática docente deve ampliar o repertório cultural dos estudantes, o currículo de música não pode estar distanciado da realidade cultural dos mesmos, uma vez que o significado de música é construído coletivamente.

4 | EXU NA REINVENÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL: “ENTRE A BOCA DE QUEM ASSOPRA E O NARIZ DE QUEM RECEBE”

Nesta parte do artigo, pretende-se explicitar nossa forma de atuação enquanto professor de Educação Musical do Colégio Pedro II, instituição da esfera federal situada no Rio de Janeiro. Nossa metodologia de ensino-aprendizagem será esboçada segundo o percurso conceitual presente na obra *Estética da ginga* (Jacques, 2000). Nela, a autora propõe uma nova proposta de análise da arquitetura das favelas baseada nos princípios de fragmento, labirinto e rizoma, originados em uma conversação interdisciplinar entre a arquitetura e a estética visual do artista plástico Hélio Oiticica. que havia reinventado sua visão de mundo no contato com a Escola de Samba da Mangueira nos anos sessenta.

Em julho de 2018, através da leitura do livro durante o curso de Mitologia Nagô-Yorubá⁴, pudemos perceber uma analogia entre a metodologia de análise da autora e a divindade Exu em suas facetas distintas. A acepção trapaceira e desordeira do caráter Exu *trickster* corresponde à fase inicial do trabalho fragmentário no qual o docente abre um diálogo franco com os estudantes no sentido de examinar seus interesses, desejos e carências em um ambiente caótico. Somente a partir dessa discussão coletiva surgem os temas de estudo/pesquisa e repertórios musicais. Tanto o conteúdo quanto a maneira de executá-lo são propostos e organizados pelos participantes COM a colaboração do

³ Lei 11.645/2008 que altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003.

⁴ É necessário ressaltar que a ideia deste artigo foi concebida nas aulas do Curso de Mitologia Nagô-Yorubá ministrado pelo Prof. Arthur Baptista no Campus Centro no 1º semestre de 2018.

professor mediador.

É preciso salientar que essa *arte de fazer* é uma tática dentro do currículo do 2º segundo segmento do ensino fundamental do Colégio Pedro II, uma vez que seu conteúdo é prescritivo, voltado para múltiplas obrigatoriedades, tendo por centralidade a história da música erudita, o uso da partitura e da teoria musical⁵. O encaixe foi fruto de uma luta política no Departamento de Música para que o professor tivesse uma pequena flexibilidade dentro dos cinco pontos de trabalhos práticos previstos na avaliação; os outros cinco pontos restantes são cobrados em prova escrita, fruto da tradição educacional brasileira baseada na “pedagogia do exame”, onde “todas as atividades docentes e discentes estão voltadas para um treinamento de “resolver provas”, tendo em vista a preparação para o vestibular, como porta (socialmente apertada) de entrada para a universidade” (Luckesi, 2002, p. 17).

Entretanto, no que concerne a educação musical, os estudantes têm preferência por atividades práticas de manipulação efetiva dos materiais sonoros, seja compondo novas músicas ou interpretando um repertório escolhido por eles. Os elementos da teoria musical e a contextualização histórica se tornam secundários nesse processo se não despertarem a curiosidade dos estudantes ao longo dos encontros. A função docente nesse início caótico é provocar a discussão e estimular a capacidade de experimentação para ampliar o repertório de possibilidades sonoras do grupo, no espírito de Exu, o senhor dos caminhos.

De fato, toda a estrutura de trabalho nos primeiros encontros é provisória, não há um projeto preliminar que delimita o conteúdo e os materiais disponíveis para sua execução. À medida que o relacionamento vai se intensificando, e vínculos afetivos e profissionais vão se formando, diversas outras ideias podem surgir e substituir as antigas, mudando completamente o curso da relação pedagógica. Na verdade, a indeterminação e a transformação contínua são condições processuais inexoráveis de uma relação pedagógica democrática, pautada na empatia e acolhimento da diferença e da diversidade cultural.

Ao avaliar as construções na favela, Jacques afirma a importância do cotidiano no caráter fragmentário da estrutura dos barracos, sempre em “contínuo estado de incompletude” (Jacques, 2000, p. 24). Segundo ela, esse movimento imprevisto tem origem na prática construtiva da bricolagem na qual o acaso é fundamental:

“A incessante reconstrução com fragmentos de materiais já utilizados, detentores de uma história construtiva própria, constitui a temporalidade dessa outra maneira de construir. Sua “poesia” reside justamente na dimensão aleatória do resultado, sempre inesperado e intermediário. São os acidentes do percurso que constituem a forma da construção [...]” (Jacques, 2000, p. 25)

Aqui a norma é o acidente. O que para muitos significaria o fracasso escolar se torna princípio “dinâmico da existência” porque impulsiona uma ontologia da improvisação no grupo. Aqui, inicia-se a fase do labirinto que tem sua significação associada à sua expressão

⁵ No primeiro ano do ensino médio, a planilha de conteúdos perde esse caráter histórico e restritivo, conferindo mais liberdade de atuação do professor em sala de aula.

alegórica na mitologia grega como “um rito de passagem, ao caminho iniciático”; em muitas civilizações, o labirinto é símbolo das difíceis provações pelas quais se deve passar para penetrar num novo mundo ou num novo estado de espírito” (Jacques, 2000, p. 73).

Segundo Jacques, o imaginário labiríntico da favela constitui-se no espaço irregular existente entre o conjunto de barracos. Nesses becos e ruelas, o movimento corporal de quem sobe e desce a favela é determinado pelo “ritmo das quebradas”. A potência desse traçado, na visão da autora tem relação mimética com a experiência física de dançar o samba, vivência transformadora na trajetória artística de Hélio Oiticica. Ao se tornar passista da Escola de Samba da Mangueira, Oiticica se reinventou como artista visual⁶ ao resignificar a relação estética artista-espectador na qual o público se tornava parte integrante de seus trabalhos. Estes últimos se tornaram propostas abertas em que novas situações criativas sejam descobertas a cada intervenção.

De modo análogo, no nível do labirinto, o professor de música coparticipa de um processo presencial de trabalho em que os verdadeiros protagonistas são os alunos. Nesse ambiente de imersão sonora, os últimos são responsáveis pela concepção e direção das atividades desenvolvidas. O processo de aprendizagem só será efetivo quando os verdadeiros sujeitos do conhecimento puderem elaborar, executar e avaliar as atividades de composição e prática musical. A função docente deve se pautar no desenvolvimento da autonomia de todos os participantes, no intuito de promover o entendimento de que a integração das idiossincrasias é uma responsabilidade social da escola.

Oiticica manifestou o desejo pela “livre expressão” e “desintelectualização” através do emprego estético da dança em suas produções. Segundo ele, a experiência de dançar o samba constitui-se “o ato expressivo direto, da imanência desse ato” (In Jacques, 2000, p. 72):

“A improvisação reina aqui no lugar da coreografia organizada; em verdade, quanto mais livre a improvisação melhor; há como que uma imersão no ritmo, uma identificação vital completa no gesto, do ato com o ritmo, uma fluência onde o intelecto permanece como que obscurecido por uma força mítica interna individual e coletiva” (Jacques, 2000, p. 73).

O ensino de música só pode ser transformador se houver uma verdadeira apropriação do material sonoro pelo corpo, antes de qualquer reflexão teórica. Como o labirinto só pode ser compreendido através de sua exploração espacial, a música deve ser uma manifestação sensorial em que o movimento corporal seja sua manifestação primeira. É verdade que a expressão corporal está presente nos currículos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, entretanto sua aplicação efetiva nos anos finais é insuficiente, e deve ser cada vez mais estimulada pelo seu caráter visceral de encantamento sonoro.

No nível subsequente, Jacques (2000) se apropria do conceito de *Rizoma* desenvolvido por Deleuze e Guattari para representar o processo de territorialização

⁶ Essa fase compreende as obras “Penetráveis”, “Projetos”, “Parangolés” e “Tropicália”.

aleatória ocorrido no surgimento das favelas cariocas. Em sua diferenciação com os modelos projetados dentro do espaço urbano, o crescimento desordenado da favela e sua consequente expansão ilimitada é resultado da marginalização de um modelo de ocupação orgânica do espaço. Nessa lógica, a autora reconhece o fator rizomático uma vez que “o que importa é mais o processo que a imagem formal, é o próprio movimento, o germinar, o crescimento, o ímpeto” (Jacques, 2000, p. 108).

O conceito de rizoma transportado por Deleuze e Guattari da biologia se opõe a ideia de unidade com a finalidade de romper com as relações de ordem e a hierarquia. Como estas últimas são baseadas em um modelo arborescente com centro estático e fixo, o modelo rizomático nega por princípio a centralidade de um sistema porque sua manifestação se dá em rede. Esta é formada por conexões heterogêneas em um processo contínuo de associações e dissociações. Por ser um modelo aberto, sua natureza múltipla prevê “rupturas assignificantes” já que toda mudança de curso é natural. De fato, o rizoma é processo e acidente.

A prática pedagógica de um professor de música é rizomática em virtude das relações em rede que se formam dentro do cotidiano escolar. A primeira relação deve ser estabelecida com os conteúdos de outras disciplinas com o objetivo de constituir alianças temáticas para que o conhecimento seja compreendido de forma conectada e transdisciplinar. Como a música é uma estrutura comunicativa aberta, passível de diversas funções e significados, sua aplicação deve desconstruir a segmentação tradicional em campos do saber distintos.

De forma semelhante, a relação de ensino-aprendizagem em música deve ser vista como um processo ou rizoma na medida em que sua finalidade não deve ter por prerrogativa um resultado formal e previsível. Pelo contrário, a diversidade de sujeitos participantes do processo nos informa que a apreensão do conhecimento se dá de forma completamente heterogênea. Por conseguinte, a avaliação deve respeitar o processo de individuação de cada estudante. Como o interesse por música muitas vezes é despertado no contexto familiar, não seria justo padronizar os mecanismos de avaliação de todos os alunos, e incentivar a vivência sonora que reforce a autonomia com responsabilidade social, marca da prática musical.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura complexa de Exu é um princípio transformador da realidade escolar brasileira em virtude de fomentar uma atitude pedagógica inovadora voltada para a comunicação dialógica. O cotidiano escolar deve ser compreendido em uma rede de acontecimentos nas quais as “artes de fazer” dos heróis anônimos - professores e alunos - desconstróem os modelos prescritivos e homogeneizantes dos currículos. A educação musical deve assumir sua parcela de culpa na invisibilidade das práticas culturais afro-brasileiras e indígenas, bem como das manifestações midiáticas originadas na cultura negra (funk, hip hop, etc)

que fazem parte do cotidiano dos estudantes. As aulas de música devem priorizar a manipulação efetiva do som através de atividades de composição e prática nascidas do debate COM os alunos.

Neste terreno de afetos e lutas que é a educação musical, o professor não é uma figura ideológica neutra, mas um participante político ativo em constante negociação e troca COM os estudantes. E como o processo de educação musical baseado na intervenção transformadora pretende instituir uma relação de potência significativa com a cultura de todos os usuários-praticantes, sua inspiração tem origem nas pesquisas da etnomusicologia, sobretudo nos estudos recentes cuja potência reside na sua aplicação enquanto método de rizomático em rede e não uma disciplina isolada do conhecimento.

REFERÊNCIAS

Areda, Felipe. **Exu e a reescrita do mundo**. Revista África e Africanidades. Brasília, DF, ano 1, n. 1, maio de 2008. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Exu_a_reescrita_do_mundo.pdf> Acesso em: 15 jul. 2018.

Blacking, John. **How Musical is Man?** London: Ed. University of Washington Press, 1973.

Certeau, Michel de. **A Invenção do Cotidiano Vol. 1: artes de fazer**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998. Certeau, Michel de. **La Cultura em Plural**. Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 1999.

Deleuze, Gilles. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

Ferraço, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Revista Educação Social. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

Jacques, Paola Berenstein. **Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Latour, Bruno. **Reagregando o social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

Lucas, Glaura; Queiroz, Luís Ricardo Silva; Prass, Fernanda; Ribero, Fábio Henrique; Aredes, Rubens de Oliveira. **Culturas musicais afro-brasileiras: perspectivas para concepções e práticas etnoeducativas em música**. In: LÜHNING, A; TUGNY, R. (Org.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 237-276.

Luckesi, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

Macedo, Elizabeth. **Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para educação**. Revista e-curriculum. São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1530-1555, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21666>> Acesso em: 30 jul. 2018.

Nascimento, Wanderson Flor do. **Olojá: Entre encontros** - Exu, o senhor do mercado. Revista Das Questões. Brasília, n.4. Ago/Set 2016.

Prandi, Reginaldo. **Exu, de mensageiro a diabo**: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP. São Paulo, n. 50, p. 46-63, 2001. Prandi, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Ribas, José. **A degradação da imagem de Esú**. Toth – Escriba dos Deuses. Brasília: 1997. Disponível em: <<http://blog.ori.net.br/?p=687>> Acesso em: 15 de jul. 2018.

Rufino, Luís. **Performances afro-diaspóricas e decolonialidade**: o saber corporal a partir de exu e suas encruzilhadas. Revista Antropolítica. Niterói, p. 50-80, 1º sem. 2016.

Santos, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologia do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

Santos, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**: pàdè, àsèsè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

Sodré, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012. Sodré, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro brasileira. Rio de Janeiro: Imago ed; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

Sussekind, Maria Luiza. **As (im)possibilidades de uma base comum nacional**. Revista e-curriculum. São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1512-1529, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21667>> Acesso em: 30 jul. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações educativas 141

Ambiente virtuais de aprendizagem 12

Aprendizado 7, 8, 29, 53, 56, 113, 119, 129, 130, 132, 146, 157, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 177, 211, 213, 224, 232, 235

Aprendizaje dialógico 76, 77, 79, 80, 83, 86

Aprendizaje significativo 22, 77, 235

Arte 60, 71, 113, 115, 116, 121, 122, 124, 125, 131, 132, 133, 145, 169, 223, 224, 226, 228, 232

Artigo científico 135, 136, 213

Atividades lúdicas 141, 142, 145, 147, 149, 150, 152, 153, 155

Avaliação da aprendizagem 74, 221, 231, 232

B

Barreiras 13, 14, 37, 45, 97, 99, 101, 102, 103, 105, 108, 254

C

Ciência 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 26, 69, 89, 90, 99, 100, 115, 116, 122, 124, 125, 131, 132, 133, 140, 141, 179, 180, 181, 190, 202, 212, 226, 229, 233, 234, 252

Cotidiano 14, 19, 42, 50, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 116, 125, 142, 144, 146, 148, 152, 153, 165, 194, 201, 226, 229, 233, 244

D

Desafios 9, 10, 15, 16, 18, 19, 21, 47, 51, 52, 53, 56, 57, 62, 66, 94, 99, 118, 134, 137, 153, 155, 156, 233

Desaparecimento dos camponeses 23

Descolonização 62, 63, 75

Desenvolvimento psíquico 94, 144, 187, 189, 191, 192, 198, 201

Deteção 187, 189, 190, 191, 197, 201, 203

Didática 15, 16, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 133, 182, 231, 233, 255

Direitos 6, 28, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 143, 146, 198

E

Editorial 87, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 186

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61,

62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 88, 89, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 124, 125, 129, 132, 133, 139, 140, 141, 143, 146, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 183, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 207, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 231, 232, 233, 234, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 251, 252, 254, 255

Educação ambiental 221, 231, 232, 233, 234

Educação inclusiva 101, 102, 103, 107, 108, 110, 111, 112

Educação médica 172

Educação musical 62, 63, 70, 71, 73, 74

Educação rural 23, 35

Educação superior 3, 12, 58

Ensino 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 34, 35, 43, 46, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 89, 93, 96, 100, 107, 108, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 133, 134, 138, 139, 140, 141, 146, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 182, 183, 184, 185, 186, 197, 198, 203, 211, 212, 213, 215, 220, 221, 223, 224, 226, 229, 231, 233, 234, 241, 242, 243, 244, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255

Ensino à distância 52, 54, 55, 58, 59, 60

Ensino médio 4, 12, 43, 71, 213, 221, 223, 226, 229, 233

Ensino tecnológico 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11

Escola pública 141, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 243, 248, 249, 251

Escolarização 29, 37, 40, 41, 42, 46, 50, 108, 119, 122, 129, 222, 245

Estética da ginga 62, 64, 70, 74

Exu 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 73, 74, 75

F

Fechamento de escolas 23, 24, 28, 31

Formação de professores 1, 2, 6, 8, 10, 11, 29, 35, 59, 121, 122, 124, 125, 133, 157, 169, 183, 185, 186, 191, 223, 224, 225, 233, 244, 254, 255

H

História da medicina 172

Humanização 88, 89, 93, 94, 131

I

Imunologia 211, 212, 213, 215, 220

Indicadores de risco ao desenvolvimento infantil (IRDI) 187

Institutos federais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11

Interação 16, 20, 54, 58, 68, 90, 92, 93, 94, 96, 109, 124, 129, 132, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 152, 153, 155, 160, 161, 170, 215, 221, 230, 232

Intervenção precoce 187, 190, 191, 197

L

Linfócitos 211, 213, 214, 215, 219, 220

M

Matemática 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 150, 154, 168, 254, 255

Material didático 53, 56, 60, 211, 213, 215, 253

Metodologia 52, 56, 57, 58, 67, 70, 88, 89, 95, 121, 127, 130, 139, 151, 169, 185, 186, 187, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 212, 213, 225, 227

P

Panorama 25, 52, 53, 62, 123

Pedagogia sistêmica 88, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 100

Pesquisa científica 120, 135

Prática pedagógica 12, 63, 73, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 184, 191, 193, 195, 221, 223, 234

Prevenção 47, 49, 187, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 200, 203

Proceso de enseñanza-aprendizaje 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86

Professor de inglês 157, 159, 162, 164, 167, 168, 170

R

Recurso pedagógico 221, 223, 232

Resposta imune 211, 213, 214, 215, 219, 220

S

Semiliberdade 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51

Servicio comunitario 235, 238, 239, 240

Síntese crítica 134, 135, 137

Sociedade 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 24, 29, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 94, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 133, 137, 138, 141, 164, 166, 170, 171, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 196, 211, 222, 224, 225, 226, 229, 231,

243, 245, 246, 247, 248, 255

Solo 32, 77, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 227, 233, 238

T

Tecnologia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 53, 60, 103, 141, 226

Tensão discursiva 157, 159, 161, 166

Discursos,

Práticas, Ideias e Subjetividades


na Educação

3

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Discursos,

Práticas, Ideias e Subjetividades

na Educação

3

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021